

## influência da língua inglesa na fala do natalense

PROF. PROTASIO MELO

INSTITUTO DE ANTROPOLOGIA DA  
UNIVERSIDADE FEDERAL  
DO RIO GRANDE DO NORTE, NATAL, RN

Nascida a 25 de dezembro de 1599, Natal iria dentro de 300 anos tornar-se uma metrópole moderna e progressista, enchendo de admiração a todos que nos visitam, não só pela sua situação geográfica e estratégica invejáveis, como pelo seu clima ameno que agrada a todos sem exceção. Provinciana até o princípio deste século, tornou-se depois das guerras mundiais, especialmente a segunda, importante centro, adiantando-se a olhos vistos por influência de vários fatores, principalmente o econômico, estando hoje na lista das cidades que avançam rapidamente na estrada do progresso. Sofreu influências em todos os setores, sendo um destes o campo da Lingüística, que merece estudos cuidadosos e profundos. Os estrangeiros que aqui chegaram, de visita ou para ficar, trouxeram consigo sua linguagem que pouco a pouco foi influenciando e se amalgamando com a fala nativa, produzindo palavras novas, usando as palavras estranhas com outra significação, alterando-lhes ainda por cima a pronúncia, enfim, enriquecendo o dialeto da região com grande acervo de expressões novas e curiosidades dignas de serem registradas para a futura história lingüística da região.

No campo do Inglês — nossa finalidade no presente trabalho — foram influenciadores os visitantes, os que vieram para ficar, os soldados, marinheiros e civis americanos, especialmente depois da Segunda Guerra Mundial, o cinema, o rádio, a televisão, os esportes, as revistas estrangeiras aqui vendidas. É comuníssimo hoje na cidade ouvirmos a

cada passo a expressão O. K. (OU KEI), dita com a mesma naturalidade por novos e velhos, com que seria dito um sim, ou “está bem”, etc. Às vezes com ligeira mudança de “o” fechado para “o” aberto — ókei — e às vezes em português autêntico: O. K. Para fazermos idéia do aprofundamento da expressão, que nos chegou trazida pelos soldados e marinheiros americanos, durante a Segunda Guerra Mundial, como também pelo cinema, merece ser relatada aqui a história da peça religiosa levada à cena em certa cidade do interior, onde um soldado ignorante, atuando como centurião romano, dá voz de prisão a Jesus Cristo nestes termos: “teje prezo”, e recebe do Nazareno improvisado a jocosa resposta: “OU KEIS”.

Os filhos da terra do Tio Sam, chegados a Natal aos milhares durante o último conflito mundial, vinham de todos os níveis e falavam todos os dialetos, usando as expressões cruas, próprias do tempo de guerra. Muito conhecidas tornaram-se assim duas expressões de baixo calão. A primeira, no original *Son of a Bitch* — filho de uma cadela — foi dita e repetida muitas e muita vezes, indo por corruptela até o exagêro de “Sanababita”, entre os elementos analfabetos frequentadores do *bas-fond* natalense. A outra, *God Damn It* — Deus amaldiçoe isso — chegou a se transformar em substantivo, com adaptação de pronúncia: “Lá vem aquêlê Godeme”. “Você é muito Godeme”, com a significação de patife. *Friend*, amigo, faz parte atuante de nosso vocabulário hoje em dia, tendo chegado ao extremo de significar um indivíduo: “passou um *my friend* por aqui”, “eu não gosto de *my friend*”, isto é, “passou aqui um americano”, “eu não gosto de americano”. Espalhados pela cidade, os jovens estadunidenses involuntariamente enriqueciam o nosso vocabulário. *Blackout* não precisava de tradução, *Shoeshine* — engraxar — era a única palavra usada pelos garotos engraxates da parte baixa da cidade. *Milkshake* é palavra comum nos cardápios das casas de lanche. *All Right* e *Sim* são usadas indistintamente. “Me dá um xestefilde” é ainda um pedido de cigarro em certos meios de fumantes, sendo *Money* e *Dollar* significadores de dinheiro em várias camadas sociais. *Yes*, trazido inclusive pelo cinema falado, não recebe mais tradução, e é ouvido constantemente, especialmente pela nova geração. *Taxi* internacionalizou-se como carro de aluguel. *Thank you* — obrigado — é também de uso generalizado, assim como *Cowboy*, que muitas gerações vibraram nos filmes deste gênero. Coca-Cola é tão nossa como dêles hoje em dia, e *Beer* — cerveja — pronunciada *Bia*, é termo brasileiro autêntico nos bares de Natal, indo até ao extremo de *Biazinha*. *Drink* veio antes, porém firmou-se bem, juntamente com *Não Bom* e *Señorita*, que passou depois a ter uma significação pejorativa, pois que indicava também prostituta.

O termo *Show*, espetáculo, é usado de dezenas de maneiras diferentes e não admite mais tradução. É nosso inteiramente. A palavra *Big*,

volúmoso, tornou-se bigui e passou a significar bom, formidável, maravilhoso. Tive ocasião de ouvir, num mercado de Natal, uma mulata dizer para a outra, segurando a ponta da orelha: “Joana, tu perdeste uma festa bigui onte de noite”.

As companhias inglêsas nos presentearam com *Gredueste*, de *Great Western*, Sulipa, de *Sleepers* — dormentes — e o termo *Jégue* — jumento — veio do *Jackass* inglês, adaptado ao ouvido de nossos caboclos, que abrisseiravam estas palavras, uma vez que não eram capazes de imitar os fonemas reais da língua de Shakespeare.

O *Football* nos enriqueceu com vários termos que hoje já estão quase todos em nossos dicionários, com pronúncia brasileira. É comum ouvirmos: “Bom time”, “êsse cabra dribla bem”, “foi gôou”, “é péssimo ralfe” (*Half*), “o time é fuleiro”, “qual foi o iscore?” etc., dando até trocadilho a expressão de um torcedor zangado com o juiz: “foi corne, corno”. Juiz, *Referee*, deu réfi no meio da plebe. *Combinado* é hoje o termo substituto para a antiga expressão *Scratch*, transformada pela linguagem popular em “Iscrete”.

O cinema trouxe grande cabedal. *Screen*, *Star*, *Gangster*, *Bang-bang*, *Far-west*, transformado em faroeste, *Film*, usado com o acréscimo de um “e”, e ainda *Camera*, *Trailer*, *Short*, *Close-up*, *Background*, *Baby*, *Sheriff*, *Sex-appeal*, etc. Um fato curioso, nas expressões cinematográficas influenciando o nosso falar, é a transformação da expressão *Come On* — vamos — convite feito geralmente pela polícia ou pelo bandido na tela, para “Cau Môni”, nas brincadeiras dos garotos natalenses, onde a frase passou a significar “mãos ao alto”. *Leading-man* — ator — e *Leading-lady* — atriz — são termos usados com freqüência nas crônicas de cinema.

A fábrica Ford deu a gostosa expressão *Fobica* ou *Fubica*, sendo ainda a indústria automobilística mundial responsável por vários termos já abrisseirados e outros com pronúncia transformada, como é o exemplo dos nomes dos combustíveis e fábricas. *Austin*, certa marca de carro inglês, tornou-se *Austim*, com acento na última sílaba, e provocou admiração a um amigo meu que me ouviu usar o termo dêsse modo, ao que lhe retruquei: “se eu disser ‘óstin’, talvez o motorista pense que é nome feio”. Os filmes musicais nos presentearam com *Jazz*, *Hot*, *Swing*, *Blue*, e mais recentemente com *Rock*, *Twist*, *Hully-Gully*, *Madison*, *Long-play*, *Sax*, *Teen-ager*, *Night-club*, *Pick-up* e *Pin-up*.

Já ouvimos um natalense dizer que estava com *Spleen*, querendo significar mau humor e o termo *Stress* é usado com freqüência nas camadas altas da sociedade em substituição a tensão. “Checar” veio do verbo *To Check*, examinar, conferir a bagagem ou exame médico geral. É muito comum a expressão: “vou fazer uma checagem completa”. Uma môca faz *Make-up* para ir a uma festa elegante, e às vezes investiga o *Pedigree* de um rapaz para saber seus antecedentes. É usual na alta roda

possuir um *Poney* — cavalinho — para o filho cavalgar, e os termos *Bridge, Golf, Tennis, etc.*, são usados com a mesma naturalidade de palavras nativas. Suas casas são guardadas à noite por *Bull-dogs* ou *Fox Terriers*, e se assim mesmo são roubados, procuram um bom *Sherlock* na polícia local. Às vezes as aves de boa raça tomam, entre as classes de vendedores ou compradores, curiosos nomes como "Niu Râmpixi", "Legorne" e "Rodislândi" de *New Hampshire, Leghorn* e *Rhode Island*. O natalense escreve com uma "pârki 51", manda comprar uma "gilete" marca Futebol, escova os dentes com "coigate". "late" é velha marca de barco para o nordestino e os rapazes dos clubes náuticos remam em "canói" de *Canoe*, barco individual, ou descrevem orgulhosos aos seus camaradas uma vitória espetacular no "alterigue" — *Out-rigger* — do Centro Náutico Potengi. Lancha veio de *Launch* e *Ship-chandler* — fornecedor de navio — tomou o brasileiríssimo nome de "xipixanha" em Natal, tendo Luiz da Câmara Cascudo<sup>1</sup> registrado "xico pixane" no Ceará. E o processo continua, enriquecendo o nosso léxico com novas formas verbais empregadas diariamente pelo povo. A familiaridade e a penetração dos vocábulos ingleses chegou a tal ponto que deu lugar a curiosidades de linguagem as mais interessantes. O cantor popular, conhecido por "Pau de Arara", usa indiscriminadamente o termo *Forget* — esquecer — como adjetivo, com o sentido de cansado, entediado, animado, esquecido, enfim uma gama estonteante de nuances de humor e regionalismo. Velhos amigos se convidam para tomar um *Drink* com a expressão estranho-jocosa: "vamos prôlestasgô?". Luiz da Câmara Cascudo, numa de suas *Atas Diurnas*, aponta casos curiosos de nomes próprios estrangeiros abraçados. Henry Koster, o viajante inglês, deu Henrique da Costa, Jack Romanguera, antigo gerente da Companhia Fôrça e Luz de Natal, era João Mangueira para muitos natalenses. Mr. Rock, outro súdito de Sua Majestade Britânica, aqui radicado, era "Mistiroque" e Mr. King virou "Mistiquim" e também "Mistiquinho".

Sobre este processo de adaptação sônica, poderíamos acrescentar o caso do antigo vice-cônsul inglês em Natal, Mr. Scotchbrook, que não sendo muito estimado entre os empregados humildes que trabalhavam na firma comercial Warthon Pedroza, onde o cônsul era gerente, passou a ser conhecido por "Miste iscrôto bruto".

Uma fazenda de lá, leve, que vinha dos Estados Unidos, denominada Palm Beach, generalizou-se em Natal, na década de 30, como "Pau Bique" entre os elegantes da época. *Bangalow* é registrado "Bangalô" e nas conversas sobre residências, *Hall* e *Living* são termos comuns como quintal e cozinha. Um esportista bate o "Rêcord" (r aspirado), fecha a casa com chave "Iale" (Yale), lê o último "bestisela" (*Best seller*), tem um "Cimite" (Smith Wesson) na gaveta, para defender a família, coleciona "Isláides" (*Slides*), bebe uísque e a filha calça meias "Soquetes". O "Ispique" (*Speaker*) da rádio local anuncia

discurso do líder (*Leader*) da maioria na Câmara Federal, usa "Bita" (*Bitter*), ingrediente usado para temperar grogues, na sua bebida, e aprende a desmontar um "Otikíz" (*Hot-Kiss*) quando é sorteado para o exército.

Digno de menção é também o caso da palavra *Slacks* — calças compridas para mulher nos Estados Unidos — usadas com camisa esporte, e que entre nós passou a designar a camisa com a pronúncia adaptada de "Sileque" ou "Silaque", hoje de uso bastante comum entre os brasileiros de tôdas as partes do país. *Glamour, It e Miss* são palavras comuns nas notícias sobre acontecimentos sociais, lidas com avieze por môças de cabelos nos "Bobs", em preparação para uma festa elegante, denominada "Noite de blektái" (*Black Tie*). Na hora do "Râxi" (*Rush*), toma-se um drinque servido por um *Boy*, ao som de um *Long-Play* só de músicas tipo "Espirituais" (*Spirituals*) americanos, na casa de um amigo rico. Um "Istande" (*Stand*) é suporte para exercício de tiro ou mesa para exibição em exposição, e o tamanho padrão é comumente chamado tamanho "Istânder" (*Standard*).

Outra curiosidade muito comum em Natal: a palavra *Mister*, termo que só deve ser usado com o sobrenome da pessoa, é largamente usada com o primeiro nome, e os americanos ou ingleses aqui residentes se transformam em "Miste Frank", "Miste John", "Miste Robert", etc. Um membro da polícia local prendeu um vagabundo dopado, de *Dope* — entorpecente — vestido de camisa de "Nailo" e gravata de "Jerse" (*Jersey*). Os jornais da terra estão sempre cheios de expressões como *Slogan, Play-boy, Vip, Test, Halloween, Motel, T.V., Cafê-Society, High-Life, Long-play, Gentleman, States, Tio Sam, Teen-ager, Up-to-date, Cock-Tail, Pic-Nic*, às vezes escrito em brasileiro: piquenique, *Garden-Party, Chance*, pronunciado "xance", *Smoking*, pronunciado "izmuque" ou "simuque" — roupa da noite — e ainda *Dinner-Jacket* e *Summer-Jacket*, e muitas outras que se vão infiltrando na nossa linguagem diária. Suéter (*Sweater*) e sanduíche (*Sandwich*) são nossos há longo tempo, assim como "Xiclete", basquete, vôleibol, *playground*, "uinxéster" (*Winchester*), "Sinuca", de *Snooker*, jôgo que se chama *pool* nos Estados Unidos.

Um "Fan", de *Fanatic*, aspira dar um *Shake-Hand* no seu ídolo de rádio favorito e os novos estabelecimentos comerciais, tipo casa de lanche, já começam a usar o sistema do nome do proprietário seguido de um apóstrofo e um "s". E temos: "Riva's lanche", "Bob's lanche", etc.

Estão aí anotadas algumas palavras, expressões e curiosidades que vieram, sofreram adaptações sônicas e se misturaram com os nossos vocábulos, enriquecendo a nossa fala nordestina, nosso dialeto, na terminologia do grande linguísta norte-americano, Prof. Fries, modernizando nosso veículo de comunicação de idéias e fazendo com que entremos no

ritmo do progresso junto com as outras cidades do Brasil, que por sua vez também recebem seu quinhão de expressões estrangeiras, onde quer que se faça presente o elemento alienígena.

## Influência da Literatura

Podemos afirmar sem medo de errar que até o fim da década de 20, *the roaring twenties*, nos Estados Unidos, a população natalense lia, pensava, ouvia música e se vestia observando uma orientação francesa.

A moda era a França, e a classe alta e os intelectuais, assim como o homem comum, que gostava de ler um bom livro nas suas horas de descanso, todos adotavam a França como modelo e guia. A língua era mais fácil do que o inglês e a facilidade de obter livros e artigos franceses muito mais ao alcance dos elegantes e homens de letras.

*La Belle Époque* ainda ecoava pelos nossos salões de baile, bibliotecas e centros artísticos. Romances franceses, livros de poesia e revistas de caráter geral cruzavam o oceano regularmente, para satisfazer as exigências e o gosto estético de uma pequena província, mas que possuía um grupo de homens que parecia saber o que queria e podia se dar ao luxo da satisfação de suas preferências e gostos.

Luiz da Câmara Cascudo, o grande folclorista brasileiro, escrevendo sobre um dos nossos intelectuais — Henrique Castriciano — disse: “Nosso amigo Castriciano tinha uma excelente biblioteca cheia de livros franceses e portugueses”. Cheguei a ver algumas edições doadas por este grande brasileiro à Escola Doméstica de Natal, alguns em língua inglesa. Entretanto nem um livro de literatura ou poesia. Somente ciência: Zoologia ou Biologia. Mais tarde Cascudo repetia a admiração de Castriciano com relação a livros e autores de França e Portugal.

Um dos nossos ex-governadores, um homem que serviu ao nosso Estado por três vezes consecutivas, tinha uma magnífica biblioteca particular, quase toda ela de autores franceses e portugueses. Na biblioteca do Dr. Castriciano, Cascudo viu livros de Mommsen, Thierry, Guizo, Gaston Paris, Fustel de Coulanges, Tocqueville, Michelet, Georges d’Avenel, Renan, Gabriel Sealles e cópias da *Ilustração Francesa*. Quando lemos o livro de Cascudo sobre Castriciano, anotamos 79 citações de autores franceses contra 23 de ingleses.

Meu pai, um homem que, não sendo intelectual, gostava entretanto de ler um bom livro em suas horas de folga, tinha em casa Flammarión, a *História de Carlos Magno* e vários autores portugueses que lia e relia constantemente. Meu tio, um padre que ensinava Francês e Geografia no ginásio — nossa universidade na época — tinha 3 grandes estantes cheias de livros. Quando cresci era chamado pelo mesmo

para ajudar a colocar seus livros no sol por causa dos “bichos” e, enquanto realizava esta tarefa, o único livro em inglês que me lembro de ter visto foi uma edição do *Paraíso Perdido*, de Milton, cujas figuras de Satanás sendo expulso para o inferno me perseguiram muito tempo durante os meus sonhos da juventude. Lembro também ter visto uma pequena edição de Sir Walter Scott.

Em outubro de 1970, recebi uma carta de um amigo intelectual, a quem pedira alguns subsídios para este trabalho. Eis aqui o que me escreveu esse natalense: “prefiro autores franceses, especialmente Dumas e Victor Hugo. Me divertem muito mais”.

Esta influência francesa ficou entre nós até a revolução de 1930. Depois de 1930, e durante toda a Segunda Guerra Mundial, começamos a ver uma mudança dos modelos franceses para modelos americanos e ingleses.

O povo começou a se interessar por livros e autores ingleses e americanos, naturalmente quase na sua maior parte traduções, e as casas dos natalenses receberam edições de Scott, Dickens, Swift, Wilde, Edgar Rice Burroughs, Conan Doyle, Shakespeare, Milton, Darwin, Shelley, Keats, Byron, Defoe, Carlyle, Kipling, Wells, Conrad, e mais recentemente, Maugham, Morgan, Llewellyn, Huxley, Shaw, Lawrence e vários outros.

A familiaridade com alguns destes autores deixou sua marca na nossa fala, nos nossos costumes, e, de um certo modo, nas nossas próprias atitudes.

Um homem que se isolava era o nosso Robinson Crusoe, às vezes chamado Crusoe, Sherlock é nome comum para detetive ou policial graduado no Rio Grande do Norte, e conheço vários Ivanhoés que talvez não terão mais oportunidade de ler Scott como seus pais fizeram no passado distante. Há uma família de Natal, atualmente residindo na Bahia, que tem sua Jezabel, seu Tácito e seu Byron, chamado na intimidade de Bairinho.

Os nomes de pessoas são outro exemplo da influência primeiro francesa e depois inglesa e americana. A velha geração está cheia de Lamartines, Lafayettes, Descartes, Diderots, Rousseaus, Mirabeaus; a nova tem seus Williams, Freds, Ericks, Miltons, Franks, Wellingtons, Tonys e Edwards, pronunciado Edivar.

Tarzan, pronunciado Tarzán, é ainda o herói de muitos garotos em nossa cidade, tão bem como sinônimo de forte ou atleta. Às vezes um guri muito magro, depois de se recuperar de doença mais grave, é chamado de “Tarzán depois da gripe”, e, no passado, quando se usavam almofadas de algodão nos ombros, para torná-los mais largos, o possuidor de um desses casacos era chamado de “Tarzán filho do alfaiate”. Certa vez, quando eu dirigia o Colégio Estadual do Rio Grande do Norte, um homem matriculou seu filho em nossa instituição e insistiu em que o nome de seu filho fôsse pronunciado “Birón”, dizendo

éle ser uma homenagem ao poeta inglês. Essa influência também alcançou os reinos da poesia e da literatura e há poetas e escritores que desenvolveram sua sensibilidade poética depois de lerem Byron, Keats, Shelley e os autores americanos.

Este é um fato que não podemos esconder. Esta influência invadiu a nossa vida, nos hábitos, numa certa parte de nossa fala e na nossa própria alma, especialmente da juventude.

## O Cinema e a Imprensa

Grande parte dessa influência do inglês e do americano em nossa fala teve como veículo o cinema e a imprensa. Exemplo significativo é a obra de Shakespeare, pronunciado por alguns aqui como "Xakispir", que deixou sua marca definitiva no público natalense. Seus tipos humanos, representando as nossas paixões, são um exemplo disso. Nossos Romeus e nossas Julietas ocuparam as conversas e as colunas dos jornais em várias épocas. Recentemente, quando a indústria do cinema nos apresentou um nôvo Romeu e uma nova Julieta, com dois belos artistas americanos, vários jovens em Natal compraram *posters* dos dois amantes famosos, e colocaram-nos nas paredes de suas casas. Isto foi ainda assunto de suas conversas por muito tempo. Shakespeare foi relido, as livrarias foram visitadas pela nova geração que, de uma maneira ou de outra, começou a tomar conhecimento do herói de Stratford-On-Avon. Mocinhas choraram no cinema, e as mais diferentes sugestões foram propostas para um melhor final da história.

Não obstante certas mudanças que Hollywood faz nas histórias, tentando agradar as platéias internacionais, mesmo assim o povo que não lê toma conhecimento da existência de certos tipos literários — ingleses e americanos — por intermédio dos filmes que assiste.

O *Velho e o Mar*, de Hemingway, foi visto muitas vezes em nossa cidade e, do mesmo modo, sua impressão desenvolveu um agudo interesse pelo escritor, cujos livros foram procurados com avidez, e grandes discussões se seguiram por várias semanas depois da exibição do filme. O autor de *The Sun Also Rises* é talvez melhor conhecido em Natal do que José Lins do Rêgo ou Graciliano Ramos. Sua fotografia sai mais freqüentemente nos jornais, suas aventuras na África são publicadas nas revistas brasileiras, de vez em quando, despertando em nossa gente uma espécie de fascinação por Hemingway. Ouvi esta de um amigo ao descrever um tipo masculino a alguém: "É um cara forte, com uma barba branca à la Hemingway". Seus hobbies e suas aventuras, assim como sua capacidade de beber, também eram admirados pela nova geração, e

ouvi certa vez num bar de Natal a seguinte observação: "Quero uma dose grande, como as que Hemingway tomava em Cuba". Há um pequeno bar de um espanhol em Natal que durante certo tempo anunciava Conhaque "Fundador", preferido de Hemingway.

Uma certa elite conhece Faulkner, sabe que seu estilo é "diferente", que o mesmo esteve em São Paulo há alguns anos passados e nunca esteve sóbrio enquanto lá e que ele é o melhor escritor dos Estados Unidos, depois de Hemingway e Steinbeck.

Convidado pelo ex-Governador Aluisio Alves, John Dos Passos visitou Natal e algumas vilas do interior do nosso Estado, conversou com o povo, deu uma entrevista à imprensa, andou pela cidade, tomou uísque em nossos bares, deixando a melhor impressão entre nós. Pena é que sua estadia tivesse sido tão curta e os seus admiradores o quisessem inteirinho para eles.

## Rádio e Televisão

Neste campo, os ouvintes da Voz da América, BBC e os dois canais de televisão do Recife obtêm uma certa informação através destas fontes, apesar da barreira lingüística e dos fatores econômicos.

Muitas vezes, os trabalhos de um autor inglês ou americano não nos influenciam diretamente, porém seus dramas de consciência, biografias, cometimentos, azares, qualidades e mesmo defeitos talvez fiquem como lembrança de alguma leitura, feita um dia, em um certo momento quando a hora e a atmosfera eram convidativas...

A coragem de Hemingway é mais conhecida do que o seu estilo literário; a bebedeira de Faulkner mais familiar do que a sua técnica denominada corrente-de-consciência; o *Paralelo 42*, de John Dos Passos, muito menos conhecido do que a lembrança de um homem gorducho, de óculos grossos, num domingo de tarde, falando sobre agricultura. De um modo ou de outro, a herança ou a influência da língua e da literatura inglesa e americana nos nossos atos, e por que não dizer, no próprio gosto do povo, sua moda e sua psique são relevantes e eu apontaria como mais responsáveis por isso as invenções em comunicação e transporte, diminuição de distâncias entre continentes e culturas que estão transformando o globo em um mundo único, como sonhou o idealista americano Wilkie.

Não fôsse isso e as produções literárias, inglesas ou americanas, estariam tão longe de nós como as criações intelectuais de Timbuctu ou Zamboanga.

## Bibliografia

- CÂMARA, J. J. Matoso — *Princípios de Lingüística Geral*. Liv. Acadêmica, 1957.  
CASCUDO, Luiz da Câmara — *Ata Diurna* intitulada "O Jégu".  
CHASE, Gilbert — *Do Salmo ao Jazz*. Globo, Pôrto Alegre, 1957.  
HOLANDA, A. B. — *Pequeno Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa*, 10.<sup>a</sup> ed.  
MARBOQUIM, Murilo — *A Linguagem do Nordeste*. Cia. Ed. Nacional, 1945.